

Apresentação da exposição individual Pinturas Galeria Décor, Rio de Janeiro, 1970

Jayme Maurício

Athos Bulcão - Máscaras e Figuras

Não é fácil dizer algo preciso e claro sobre Athos Bulcão, num momento no qual ele resolve reaparecer com apenas um fragmento de sua personalidade tão vária e tão rica de valores expressivos. Seu nome evoca tantas lembranças do tempo de ingresso em um mundo livre e fecundo – um tempo de ousadia e de perplexidade, quando a vida espiritual era mais intensa e o processo renovador se desenrolava tentando abarcar as múltiplas manifestações da criação artística: teatro, literatura, cinema, artes plásticas, música, poesia. Nos bares do Castelo, da Cinelândia, da Lapa, trocavam-se informes, consentia-se em ambições, tentava-se o esclarecimento.

Mas não é esta a oportunidade para insistir em lembranças de um tempo para nós tão vivo e tão crucial. O que importa agora dizer é algo sobre o Athos Bulcão que se afirmou e se impôs.

Athos situa-se entre os artistas que procuram dar continuidade ao que foi criado pelos predecessores de gênio. Arte é para ele um objetivo, no sentido de contribuição pessoal e de fidelidade a seus mestres – diria mesmo, de fidelidade a seus deuses – Ensor, Léger, Miró, Klee e alguns mais. Com a marca elegantemente discreta de sua maneira de ser e de viver, criou um desenho e uma pintura muito individuais, resistindo bravamente ao ensinamento algo voraz de Portinari. Seu contato com as vanguardas contemporâneas, em alguns aspectos por ele deliberadamente ignoradas, dá-se principalmente por meio de seus esforços de integração das artes, entretidos desde o início de sua carreira. Criou constantemente em contato íntimo com a arquitetura. O desenho de azulejos, por exemplo, é apenas uma de suas formas de colaboração, nos projetos de Oscar Niemeyer. Brasília já está hoje definitivamente marcada por Athos Bulcão. Para o teatro, Athos muito contribuiu também, em cenografia e indumentária. Já há muitos anos, num trabalho quase profético e pioneiro, realizou uma série de notáveis fotomontagens de inspiração surrealista, que ainda não tiveram a devida divulgação. Lançou-se também à litografia, a partir, talvez, de seu primeiro grande estágio em Paris.

Brasília acabou realizando a fagocitose desse temperamento criador e arredo, místico e refinado. Não obstante, o Rio de Janeiro ainda pode reivindicá-lo; e é sobretudo o Rio de Janeiro que deve a ele, não apenas esta mostra de um aspecto de suas múltiplas atividades, mas além dela uma grande exposição que o retrate em sua polivalência e integridade.

O que a Galeria Décor agora exhibe é o Athos voltado ao aprofundamento e à redescoberta, sem a preocupação de renovar. Suas máscaras e suas figuras teatrais aparecem-nos em momento de densidade, numa estranha forma de expressionismo despersonalizado. A disciplina rigorosa transparece por meio do bizarro de suas formas. O equilíbrio do gesto e da composição em geral corre os mínimos detalhes de cada obra, não se restringindo apenas às suas linhas mestras. Elaboração e refinamento são as metas plenamente atingidas nestas obras – seja nas figuras pateticamente congeladas em um ambiente de brumas e bruxarias, seja nas máscaras que boiam e se ondulam no brilho e na cor da tinta acrílica.

Como de costume, o sereno tumulto criador de Athos Bulcão resulta em um quase classicismo.